

Apresentação

A ABECAN tem a grande satisfação de apresentar o volume 16, número 3 (24º fascículo) da revista *Interfaces Brasil/Canadá*. A edição tem sido viabilizada por meio de uma parceria com o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com o Centro de Artes da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e com o Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, da Universidade de São Paulo (USP).

***Interfaces Brasil/Canadá*: produção, indexadores e fatores de impacto**

Nos últimos anos, a revista *Interfaces Brasil/Canadá* vem apresentando rendimento crescente, modernizando-se, aumentando o número de artigos publicados e reforçando o foco na internacionalização e interdisciplinaridade. De 2013 a 2015, foram publicados seis números, dois por ano, para os quais colaboraram, com artigos e resenhas, 114 autores, 46 deles vinculados a instituições não brasileiras, o que perfaz mais de 40% do conjunto. Dos 90 textos, entre artigos, entrevistas e resenhas, 39 foram vertidos em português, 24 em francês, 19 em inglês e oito em espanhol, isto é, 52% em línguas estrangeiras. Se descontadas desse montante as 18 resenhas e entrevistas, normalmente mais direcionadas ao público brasileiro, das quais apenas três foram escritas em línguas estrangeiras, registrou-se 72 artigos inéditos no período, 67% dos quais em francês (23), em inglês (18) e em espanhol (7). Trata-se, portanto, de um órgão bastante internacionalizado.

Até 2014, a revista publicava no máximo 24 artigos inéditos por ano, mantendo-se fiel aos critérios então sugeridos pela área de Letras na Capes. Em 2015, publicou 31 artigos inéditos, num esforço de se adaptar aos novos padrões estabelecidos pelos indexadores com os quais já estava em interlocução. Em 2016, a periodicidade passou de semestral a quadrimestral, representando novo desafio para os editores. Os três números do ano reuniram ao todo 26 artigos e quatro resenhas, além de duas apresentações de dossiês bastante extensas, que praticamente configurariam artigos (SANTOS, 2016). Dentre os autores, 41 são vinculados a instituições no Brasil e 13 estão associados a instituições estrangeiras. Dos textos, 18 foram vertidos em português, onze em inglês e

um em francês. Quanto às apresentações de dossiês, uma, a do atual fascículo, é bilíngue. Conjuntamente, nesse ano tivemos menos contribuições em francês e nenhuma em espanhol, além da porcentagem de autores brasileiros ou vinculados a instituições nacionais ter aumentado. Mas, a julgar pelas novas submissões que já estão chegando, a tendência não deverá se confirmar em 2017.

Segundo o *Google Analytics*, entre 1º de fevereiro e princípios de dezembro de 2016, mais de 4.500 usuários procuraram a revista, 70% dos quais acessaram-na a partir do Brasil, 8% do Canadá, 4% do Reino Unido, 2,3% da Rússia, seguidos dos Estados Unidos, França, Portugal, Áustria e México, além de outros países. Em 2013, 80% dos acessos partiam do Brasil e mal se alcançavam mil usuários por ano. Em 2015, Rússia e Reino Unido não figuravam entre os países com mais origens de acessos ao *site* da revista. Já em novembro de 2016, não mais de 60% dos acessos partiram do Brasil. A taxa de rejeição, por sua vez, vem caindo – atualmente está em cerca de 30% – e a duração média da visita passa de quatro minutos, navegando por várias páginas, o que significa que quem acessa o sítio está de fato interessado no seu conteúdo. Cerca de 40% dos acessos são de novos usuários, sugerindo que a revista tem um público fiel, mas com espaço para atrair novos leitores.

A mudança se desdobra da política desenvolvida pela Editoria, que reformulou o sítio da revista, vem ampliando a sua presença na internet e nas redes sociais, convidou *scholars* de outros países (tais como Irlanda, Itália, Rússia, Índia e Angola) para integrar o Conselho Editorial e a divulgou entre novos autores em potencial, no Brasil e no exterior. Hoje, há representantes de todos os continentes no Conselho Editorial, à exceção da Oceania. Cresceu o número de *scholars* de outros países que publicam na revista, como franceses e estadunidenses. Os últimos fascículos receberam contribuições de acadêmicos do Chile, da Argentina e do México, indicando que a revista tende a se afirmar como um veículo influente na América Latina. Autores africanos publicaram pela primeira vez em nossas páginas em 2016. Portanto, estima-se que, nos próximos anos, os acessos à página crescerão e a origem geográfica dos mesmos se diversificará ainda mais.

A revista recebe contribuições de *scholars* estabelecidos, no Brasil e no exterior, alguns dentre os quais grandes personalidades. Possuem textos na revista intelectuais

de prestígio e projeção internacional, tais como Camille Paglia (2012), Will Kymlica (2014), Diana Brydon (2013), Patrick Imbert (2011, 2014), Fernando Andacht (2014), Yves Lenoir (2013), Albert Braz (2013), André Carpentier (2015), Zilá Bernd (2014), dentre muitos outros.

Atualmente, o Conselho Editorial (não contabilizados os quatro membros da Editoria e os quatro do Comitê de Ética, que precisam ser brasileiros, pois vinculados às instituições que editam a revista) reúne 26 avaliadores brasileiros, de diversas instituições e regiões do país, e 16 estrangeiros. A porcentagem de quase 40% de estrangeiros sublinha o compromisso com a internacionalização da edição. Na escolha de avaliadores *ad hoc*, seguimos igual critério, procurando convidar *scholars* de diferentes instituições do país e do exterior. Nos últimos dois anos, a revista ampliou o recurso aos *ad hoc*, pois houve aumento do número de submissões (em 2016, recebemos 52 submissões, 20 das quais foram rejeitadas e seis permaneceram em análise para 2017) e diversificação de temáticas, o que passou a reclamar *expertises* de áreas diferentes das dominadas pelos membros do Conselho Editorial. A prática é salutar, pois ajuda a divulgar o conteúdo e introduz novos avaliadores aos fluxos do periódico.

O escopo foi redesenhado de modo a enfatizar ainda mais o compromisso do periódico com a interdisciplinaridade, com o debate em torno da interculturalidade e com a internacionalização da educação e da pesquisa. Em 2013, publicou-se um importante dossiê lastreado nas áreas de Relações Internacionais e Economia. Em 2015, editou-se um criativo dossiê estribado na Arqueologia Clássica e na História, outro com ênfase na geopoética, e em 2016, se lançaram dossiês com abordagens associadas à internacionalização da educação superior e à relação entre a questão racial e as políticas públicas. O último dossiê do ano combina as fronteiras da Antropologia e da Literatura. Desde a adoção da política de dossiês temáticos no segundo semestre de 2012, contudo, a revista seguiu também publicando dossiês e artigos que transitam pelas disciplinas da História, da Memória e, sobretudo, das Letras e da Literatura, estas, desde sempre, áreas madrinhas da revista. O foco em novas temáticas não prejudicou a produção da revista em áreas nas quais seu desempenho era tradicional.

A transformação foi parcialmente captada pelo sistema de avaliação *Qualis Capes*. Entre 2012 e 2015, a revista melhorou sua avaliação nas áreas de História, da Educação e Interdisciplinar. Nesta última, sobretudo, deu seu maior salto, pois em 2011 apanhava um B 5 e, em 2014, já alcançava A 2. Jamais compreendemos com clareza, contudo, por que as áreas de Relações Internacionais, da Ciência Política, da Antropologia, da Sociologia e da Administração seguiram desconsiderando o periódico, apesar dos vários e qualificados textos publicados por *scholars* vinculados às mesmas, os quais não deixaram de repercutir sua produção nos respectivos currículos Lattes, e, ainda, apesar da presença de intelectuais reconhecidos no Conselho Editorial.

Uma hipótese de explicação para tal distorção é que a classificação piramidal rígida dos veículos de publicação, atrelada a cada área na Capes como uma verdadeira camisa de força, estimula a pontuação daqueles periódicos originários das próprias áreas disciplinares, com foco específico e exclusivo. Com a preocupação prioritária dos programas de Pós-Graduação por melhores avaliações de seus cursos e, conseqüentemente, melhores conceitos, aos quais estão vinculadas variadas ações de fomento, é de se esperar que os mesmos incentivem e demandem, de seus docentes-pesquisadores e de seus discentes, publicações em periódicos constantes nos estratos mais altos. Ora, a *Interfaces* é órgão oficial da ABECAN, uma associação científica sem fins lucrativos e independente. Portanto, apesar da forte produção da *Interfaces* em Relações Internacionais, em Ciência Política, em Sociologia e em Antropologia, essas áreas podem ter tendido a apreciar a revista como um corpo estranho, pertencente às Letras, não havendo motivo estratégico para prestigiá-la. Sendo a ABECAN uma entidade pequena e independente, é certo que lhe falta capacidade e disposição de mobilização para a promoção de *lobbies*.

Em 20 de setembro de 2015, antes da adoção pela Capes da nova Plataforma Sucupira, a revista assim pontuava no *Qualis*, segundo informações retiradas do *site* da Capes:

1984-5677 Interfaces Brasil/Canadá A1 LETRAS / LINGUÍSTICA
Atualizado

1984-5677 Interfaces Brasil/Canadá B1 INTERDISCIPLINAR Atualizado

1984-5677 Interfaces Brasil/Canadá C ENSINO Atualizado

1984-5677 Interfaces Brasil/Canadá B2 ARTES / MÚSICA Atualizado

1519-0994 Interfaces Brasil/Canadá (Impresso) A2 INTERDISCIPLINAR
Atualizado

1519-0994 Interfaces Brasil/Canadá (Impresso) B3 CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS I Atualizado

1519-0994 Interfaces Brasil/Canadá (Impresso) B2 HISTÓRIA Atualizado

1519-0994 Interfaces Brasil/Canadá (Impresso) B5 BIODIVERSIDADE
Atualizado

1519-0994 Interfaces Brasil/Canadá (Impresso) C DIREITO Atualizado

1519-0994 Interfaces Brasil/Canadá (Impresso) A1 LETRAS /
LINGUÍSTICA Atualizado

1519-0994 Interfaces Brasil/Canadá (Impresso) B5 SOCIOLOGIA
Atualizado

1519-0994 Interfaces Brasil/Canadá (Impresso) B2 GEOGRAFIA
Atualizado

1519-0994 Interfaces Brasil/Canadá (Impresso) B2 EDUCAÇÃO
Atualizado

1519-0994 Interfaces Brasil/Canadá (Impresso) B5 CIÊNCIA POLÍTICA
E RELAÇÕES INTERNACIONAIS Atualizado

1519-0994 Interfaces Brasil/Canadá (Impresso) C BIOTECNOLOGIA
Atualizado

A esta altura, imaginava-se que a avaliação *Qualis* do ISSN impresso tenderia a cair, pois, apesar da modernização e profissionalização da versão *online*, a forma impressa estava descontinuada desde 2014, em razão da escassez de verbas, que atingiu não apenas os programas de fomento do governo canadense, como também as universidades brasileiras. Com efeito, até o final de 2011, a edição contou com importante financiamento por parte do *Ministère des Affaires Étrangères et du Commerce International du Canadá*, com fundos repassados anualmente aos editores por meio da Embaixada do Canadá. Em 2012, a ajuda internacional às associações e aos núcleos de estudos canadenses foi suprimida pelo governo canadense, de forma que, desde o Volume 12, os custos de edição e de impressão vêm sendo suportados, sobretudo, pelas universidades parceiras e por

voluntários. A situação agravou-se a partir de 2015, diante da crise que se instalou nas universidades, reflexo da desorganização econômica na qual se precipitou o Brasil, com cortes maciços de verbas para a pesquisa e publicações, dispensa de bolsistas, carência de pessoal de apoio e prolongadas greves de servidores. A periodicidade quadrimestral e o aumento de artigos publicados ampliaram o impacto sobre os custos da revista, em época da mais séria escassez de verbas.

Apesar de algumas distorções discutíveis, o sistema de avaliação *Capes* funcionava razoavelmente bem. Porém, a nova Plataforma Sucupira desorganizou o processo e a *Interfaces* esteve dentre os periódicos mais afetados pelo quadro que então se engendrou. Como reconheceu a própria *Capes*, no Ofício-Circular nº 23, de 5 de outubro de 2015, muitas revistas não foram relacionadas na atualização do quadriênio. O problema teria ocorrido devido a alguma inconsistência no novo sistema, que não incluiu a base de periódicos declarados no módulo Coleta, em 2013 e 2014. A *Capes* prometeu corrigir a deficiência no primeiro semestre de 2016, mas isso ainda não aconteceu. Até o momento, o histórico de avaliação da revista *Interfaces Brasil/Canadá* segue parcialmente perdido. Para muitas áreas, como Educação, Relações Internacionais, Economia e Artes, dentre outras, a revista simplesmente deixou de existir, quando se esperava precisamente um incremento da avaliação para o ISSN *online*, em decorrência da consistente produção. Até mesmo para as Letras, há poucas semanas nenhum dos dois ISSN existiam e o título da revista estava associado a um ISSN estranho.

Em setembro último, a Editoria da *Interfaces* procurou alertar sobre algumas dessas inconsistências. Aos poucos, começam finalmente a aparecer, na *Plataforma Sucupira*, dados menos distorcidos. Mas o que se percebe é que muitas lacunas ainda persistem, que o histórico de avaliações da *Interfaces* não foi restabelecido, que diversas áreas seguem desconsiderando a revista (não obstante sua destacada produção) e, sobretudo, que parece estar havendo uma reformulação das pontuações estabelecidas. Ou bem o antigo *WebQualis* da *Capes* induzia todos ao erro ao garantir que as pontuações estariam atualizadas, ou falha agora o novo *Sucupira* ao estabelecer uma revisão retroativa. Por exemplo, em 2015, o sistema *online* da *Capes* garantiu que a *Interfaces* pontuava A1 em Letras, nos dois ISSN, até 2014. Esperávamos variações de 2015 em diante, algumas para

baixo, outras para cima. Mas o *Sucupira* agora começa a informar que a *Interfaces* é B1 em Letras, desde 2013! Seguimos, portanto, sem uma perspectiva objetiva da pontuação do periódico para a Capes.

O desaparecimento do histórico de avaliações da *Interfaces* no âmbito do sistema *Qualis Capes* parece-nos tanto mais prejudicial na medida em que a edição tem, em média, 40% de seus textos redigidos por autores estrangeiros, que geralmente não informam a publicação dos mesmos na base curricular Lattes, pela óbvia razão de que esta plataforma é essencialmente utilizada por brasileiros, ou, quando muito, por estrangeiros com passagem por instituições brasileiras. Portanto, o ritmo e o volume do impacto da produção da *Interfaces* sobre o Lattes, de onde são recolhidos os dados que alimentam o *Qualis*, são, sem dúvida, mais modestos do que o de outras publicações editadas no Brasil, bem menos internacionalizadas que a *Interfaces*.

Além disso, muito embora o CNPq, que administra a Base Lattes, não se proponha a discutir o assunto, há falhas de concepção da programação que prejudicam alguns periódicos, especialmente, talvez, por sua natureza, os temáticos e os interdisciplinares. Como, por exemplo, a associação do título da revista a um ISSN incorreto, ou do ISSN correto a títulos diferentes, o que pode ter tido origem no próprio Lattes. Mas, então, nesses casos, os Comitês da Capes estariam avaliando o título ou o ISSN incorreto?

Outras incongruências da Base Lattes, ainda pouco discutidas, podem estar repercutindo sobre a avaliação de periódicos (e, portanto, dos cursos de pós-graduação aos quais se vinculam os professores e pesquisadores que neles publicam). Um exemplo característico é a vedação à informação de mais de uma produção associada a um mesmo ISSN ou ISBN, que parece alcançar os currículos de alguns pesquisadores. Trata-se de uma limitação incompreensível, pois um organizador de um livro ou de um dossiê pode também assinar como autor no corpo da edição uma apresentação, um capítulo ou um artigo. Ou um autor com um texto em um fascículo pode também ter desempenhado funções de revisor *ad hoc* para a mesma revista. Isso sem mencionar o fato de que alguns autores podem publicar com frequência em um dado periódico, situação que é especialmente comum para as revistas temáticas, que editam a produção de um universo mais restrito de pesquisadores. Nesses casos, portanto, o que indicar? Quando consultada

a respeito, a central de suporte do Lattes limita-se a seguir respondendo que o sistema não permite informar mais de uma produção associada ao um mesmo ISSN ou ISBN e cai-se em um tipo de círculo vicioso. Portanto, a massa de dados, composta a partir do Lattes, que a Capes recebe para avaliar os periódicos, longe está de ser plenamente confiável, o que, lamentavelmente, é pouco debatido pela comunidade acadêmica.

Os comitês de Área da Capes não apenas possuem critérios diferentes, o que é razoável, já que cada uma carrega suas características intrínsecas, como apresentam metodologias diversas para filtrar e validar os dados que recebem. Alguns coordenadores de comitês e avaliadores fazem questão de dirimir eventuais dúvidas diretamente com os editores de periódicos, o que parece ser uma prática salutar. Outros, por sua vez, se encapsulam. Há áreas que desprezam a produção de um periódico. Alguns comitês consultam os coordenadores de cursos sobre os periódicos por eles abrigados ou chancelados, o que nos parece igualmente adequado, mas nem todos os coordenadores de cursos se dispõem a defender as edições. Revistas vinculadas a associações científicas, que têm dentre os seus principais méritos a independência para com instituições, podem se ressentir especialmente dessa falta de ânimo de coordenadores de cursos em defendê-las em caso de manifesta injustiça. O quadro pode se agravar em se tratando de publicações marcadamente interdisciplinares, pois, em virtude da classificação piramidal rígida, conforme mencionamos acima, tendem a valorizar as revistas mais estreitamente atadas às subáreas de ênfase de seus Programas.

Nos últimos anos, os comitês têm se empenhado em objetivar e divulgar os critérios de avaliação, o que é deveras positivo. Mas ainda restam questões difíceis de compreender. Em algumas áreas das Humanidades, revistas discentes ou vinculadas a programas de Pós-Graduação com nota 3, muito menos internacionalizadas, às vezes até endógenas, e com critérios editoriais mais descosidos e flexíveis, já foram agraciadas com B1, avaliação que a *Interfaces* jamais alcançou em História, Sociologia, Antropologia, Relações Internacionais, Administração...

O *Qualis* Capes surgiu, em tese, para ajudar os cursos de pós-graduação a dimensionarem de forma mais precisa a produção dos seus professores e alunos, e não para avaliar as revistas (BARATA, 2016). No entanto, um dos efeitos distorcidos

do processo é que o *Qualis* acabou funcionando na prática como farol de qualificação das revistas, almejassem seus idealizadores tal resultado, ou não. O sistema apresentou avanços extraordinários, mas, ao mesmo tempo, segue lidando com incongruências.

Assim como revistas muito internacionalizadas podem ter impacto menos vibrátil sobre o Lattes, do ponto de vista da autoria dos artigos, algo parecido pode estar acontecendo com periódicos que reúnem dentre sua Equipe Editorial e dentre os autores *scholars* aposentados, já que eles tendem a repercutir mais lentamente a sua produção na base curricular *online*. Ora, desenha-se um paradoxo, segundo o qual o conteúdo de uma revista pode se beneficiar largamente da colaboração sistemática de pesquisadores e professores sêniores, em proporção similar em que a sua pontuação pode ser deprimida, justamente porque o sistema assenta-se sobre uma métrica quantitativista que mobiliza mais os profissionais em início de carreira.

Nem todas as áreas possuem seus critérios específicos. A área Interdisciplinar é a única que não protege a aderência à mesma, no que diz respeito à origem do periódico – aquele, cuja emergência se dá no âmbito da própria área Interdisciplinar ou é assumida formalmente por seus programas de Pós-Graduação. De sorte que costuma calcular a pontuação por meio de uma soma das avaliações estabelecidas pelas demais áreas, conferindo peso mais expressivo à área madrinha, aquela de onde se estima derivar o maior número de autores da revista.

Há pelo menos duas injustiças nessa perversa equação: a primeira é que, se determinadas áreas desconsideram uma revista, apesar da produção pertinente e do seu conselho editorial ilustrado com pesquisadores representativos da mesma área, é claro que a lacuna tenderá a ser reproduzida de alguma forma na avaliação Interdisciplinar; em segundo lugar, se uma dada área madrinha resolver estabelecer novos critérios de avaliação e desconsiderar, ao mesmo tempo, tanto o histórico de pontuação de um periódico, quanto o seu potencial e indicadores de crescimento e o esforço dos editores e colaboradores para modernizá-lo, de modo a rebaixar a sua nota, a Interdisciplinar fatalmente também deprimirá a pontuação, ainda que se trate de uma publicação com esmerados requisitos de excelência.

Assim, a área Interdisciplinar perde a oportunidade de valorizar veículos que se constroem essencialmente na interdisciplinaridade, para caminhar a reboque do que definem outras disciplinas. Em tempos em que se quer dar espaço à pesquisa e à formação interdisciplinar, tendo em vista a sua importância estratégica para o desenvolvimento e para novos modos de existência na contemporaneidade (LENOIR, 2013), a Capes, com a política de fortalecimento das pirâmides disciplinares no momento de difusão do conhecimento, pode estar sufocando periódicos com vocação interdisciplinar e constringendo os pesquisadores a publicarem seus achados e reflexões em revistas com aderência a áreas específicas, no que, certamente, se constituiria em uma dinâmica contraditória.

A *Interfaces* é hoje essencialmente interdisciplinar. Em 2015, publicou três dossiês: num deles, os artigos combinaram os saberes da Arqueologia, da História e da Museologia; nos outros, foram articulados os horizontes das Letras, Linguística, Literatura, Geografia, História e Antropologia. No número 1 do volume 16, a revista lançou um dossiê com dez artigos que transitaram por pelo menos duas das seguintes áreas: Educação, Administração, Sociologia, Letras e Informática. O número seguinte publicou um dossiê com artigos que costuravam pelo menos duas dessas áreas: Direito, Educação, Antropologia, Sociologia e estudos de gênero. No corrente dossiê, todos os artigos combinam a Literatura e a Antropologia. Mais do que reunir artigos de múltiplas áreas, os textos divulgados pela *Interfaces* combinam conhecimentos e referenciais teóricos de diferentes disciplinas para, a partir daí, produzir uma nova síntese (LENOIR, 2013).

Os critérios de avaliação vêm se tornando amiúde mais exigentes nos últimos anos, fazendo com que o processo editorial dos periódicos acadêmicos se complexifique e se profissionalize enormemente. A partir de 2015, por exemplo, os comitês das áreas, nas quais a *Interfaces* mais apresentava contribuições, passaram a estabelecer como ponto de corte, para o acesso aos estratos mais elevados, a chancela dos periódicos por indexadores relevantes (tais como *SciELO*, *Web of Science*, EBSCO, etc.), bem como o bom desempenho em índices bibliométricos que medem os fatores de impacto.

A questão não havia mobilizado as editorias da *Interfaces* e as diretorias da ABECAN antes de 2012. Mas já, nesse ano, a revista foi indexada em *Latindex*, *Diadorin*, *Sumários e E-revistas*, além de enviar o primeiro dos três pedidos formulados ao *SciELO*,

bem como outro ao *Scopus*. As respostas dos dois prestigiosos indexadores nos permitiram perceber o tamanho do desafio a ser vencido, em virtude dos aspectos a serem então reformulados no processo editorial e, sobretudo, no *site*. A partir dessas avaliações, foi possível aprimorar e modernizar o periódico.

Desde então, tem sido um caminho penoso que os editores trilham de forma solitária, pois as universidades praticamente não lhes oferecem o necessário apoio. Exige-se cada vez mais a profissionalização na gestão dos periódicos acadêmicos, mas não há verbas para a contratação de consultorias, são poucos os recursos para a terceirização de importantes e delicadas tarefas (como a revisão e a editoração) e os servidores, em geral, não estão preparados para enfrentar repto de tamanha envergadura, ou simplesmente não têm disponibilidade para tanto. Até onde alcançam nossos conhecimentos, os servidores, tanto em universidades públicas, quanto nas privadas, não recebem gratificação especial para assumir solidariamente o desgaste da gestão de revistas de estratos mais elevados. Se tivéssemos contado com mais apoio, teríamos provavelmente conseguido dar respostas mais ágeis às demandas estabelecidas por alguns indexadores. Foi preciso que os editores dedicassem muito tempo para estudar a dinâmica de funcionamento do sistema SEER/OJS (que abriga a revista) e para compreender as novas demandas do processo editorial de periódicos acadêmicos. Depois, foi necessário que eles próprios operassem os ajustes necessários, vez que inexistia pessoal de apoio disponível.

A editoria aguarda resposta a pedidos de indexação formulados ao *SciELO*, ao *Scopus*, ao *Web of Science*, ao EBSCO, ao DOAJ, à EZB, à IRESIE, à DIALNET, à DEFF, à RCAAAP, à *Researching Brazil* e ao *Index Savant*. Apesar de certo estranhamento de alguns avaliadores de indexadores para com as revistas temáticas, a Editoria está confiante na receptividade, tendo em vista que as diversas questões apontadas vêm sendo atendidas e, ainda, considerando a qualidade inequívoca do conteúdo veiculado pela *Interfaces*. Quanto ao repositório DOI, a Editoria recebeu, em 2015, promessa da administração do Portal de Periódicos da UFPel, onde está abrigada, de que o mesmo estava em processo de implantação. Lamentavelmente, seguimos esperando por essa definição, sem que nos sejam dadas perspectivas concretas a respeito.

Por sua vez, segundo o *Google Scholar*, a *Interfaces* possui 336 citações, *Índice H* igual a 9 e *Índice i10* equivalente a seis. Seria de se esperar índices de impacto mais expressivos. Todavia, a métrica do Google longe está de ser infalível. Sabemos, por exemplo, de textos publicados em 2016, na própria *Interfaces*, bem como em outros veículos, que citam artigos da revista, os quais, contudo, apesar de estarem cadastrados no perfil, não contabilizaram as referências recebidas.

O *Índice H* tem eficácia discutível, pois, como se sabe, é pouco confiável na medição do impacto de trabalhos de *scholars* em início de carreira, com cerca de dez anos de profissão, lógica que pode ser estendida ao perfil de uma revista. Também para a área das Humanidades a pertinência do índice é questionável, pois sabe-se que nas Ciências Humanas publica-se mais lentamente, assim como se o faz muito em livros, que tendem a estar menos representados na internet do que artigos de revistas científicas e teses acadêmicas. Em compensação, artigos das Humanidades tendem a ser citados por mais tempo do que aqueles produzidos no âmbito das Ciências Exatas.

De resto, tais índices são menos eficazes para captar o impacto de áreas específicas, como os Estudos Canadenses, cuja produção tende a apresentar um volume naturalmente mais restrito. Além disso, por motivos óbvios, relacionados à opção temática e ao destaque dado à língua francesa, o conteúdo da *Interfaces* repercute muito no Canadá e na França. Todavia, *scholars* desses países tendem não apenas a publicar mais em livros, mas tendem a prestar menos atenção à influência dos indexadores e fatores de impacto sobre a produção acadêmica, além de raramente estarem registrados na base Lattes, de onde a Capes extrai seu grande volume de dados. Isso pode ser verificado, inclusive, em artigos publicados na própria *Interfaces*, pois é comum autores não citarem textos da revista, mesmo quando eles próprios já desenvolveram assuntos similares anteriormente. Muitos de nossos autores são pesquisadores sêniores, que articulam textos altamente elaborados, do ponto de vista teórico, linguístico e investigativo, mas foram formados numa perspectiva cultural anterior à Era Digital e tendem a considerar, com frequência, indicativo de vaidade ou autopromoção indevida citar a si mesmos e a colegas de dossiês. De qualquer forma, a Editoria tem procurado incentivar a prática da produção de resenhas sobre os dossiês publicados na revista, o que certamente ajudará a amplificar o seu impacto. Já são esperadas resenhas para 2017 e 2018.

Citar, de fato, envolve dimensão altamente subjetiva, que não é de modo algum traduzida pelos fatores de impacto. Para além da objetividade acadêmica estrita, pode-se citar um autor por simpatia, gratidão, modismo, coleguismo (FORTES, 2016). Nesse timbre, revistas discentes podem alcançar elevados índices em fatores de impacto, porque os alunos tendem a se promover corporativamente, porque estão em maior quantidade; porque, sendo mais jovens, têm mais intimidade com a cultura digital; porque alguns tendem a preferir os textos mais simples dos colegas de turma a elaborações teóricas e linguísticas mais sofisticadas de pesquisadores sêniores; porque, finalmente, apresentando menos maturidade intelectual, têm menos acesso a oportunidades de publicar em livros e mais em veículos de acesso livre e critérios flexíveis editados na internet. Ora, o *Google Scholar* não só não capta o que está na internet sem metadados digitais, como ainda é incapaz de ranquear a qualidade da citação.

Na *Interfaces*, dos artigos com mais de dez citações, dois foram escritos em francês e os demais em português. São textos que transitam pela Literatura, pelas questões da interculturalidade e da gestão pública. As citações vêm crescendo sistematicamente todos os anos. Dentre os artigos com mais de cinco referências, o mais recente foi lançado em 2008, sendo que a revista tem versão *online* apenas desde 2007 e migrou para a plataforma SEER/OJS em 2012. Portanto, segundo os dados coletados a partir do *Google Scholar*, não apenas o fator de impacto da revista está se fortalecendo, como todo o trabalho de modernização e de dinamização da versão *online* ainda não teria tido tempo suficiente de amadurecer e repercutir, o que deve acontecer nos próximos anos. Além disso, essa ressonância tende a ser significativamente amplificada tão logo a revista conquiste a almejada chancela dos indexadores.

Por vezes, verifica-se ainda uma discrepância entre os indicadores do Google Scholar e o *Qualis Capes*. O artigo mais citado na *Interfaces* foi publicado em 2005 (GIACOMO) e está completamente lastreado na área da Administração, na qual a revista não conseguiu pontuar até 2014.

Outros fatores de impacto dependem da acolhida de indexadores; empresas privadas, que constituem base de dados e repositórios de revistas acadêmicas com o intuito de posteriormente vender serviços aos pesquisadores e às universidades, como

esclarece com muita pertinência o historiador Robert Darnton, diretor da biblioteca de Harvard (2013). De um modo geral, como se sabe, *Scopus* e *Web of Science*, bases multidisciplinares que calculam os fatores de impacto dos periódicos, têm ainda menos amplitude do que o *Google Scholar* na aferição do Índice H em Humanidades. Em compensação, estão empenhados em desenvolver mecanismos para mapear a qualidade das citações, o que não é nada fácil de ser alcançado (NASSI-CALÒ, 2016).

Alguns setores das Ciências Sociais Aplicadas, como a Administração e Turismo, possuem suas próprias bases de dados e indexadores independentes (ROSA, 2016). Todavia, o conjunto das Humanidades não dispõe de ferramentas próprias com tal ênfase.

Assim, fator de impacto está longe de ser um indicador absoluto de qualidade acadêmica. Pode, quando muito, ser mais um elemento a fazer parte de uma cesta de critérios, mas jamais servir como referencial magnetizante. De fato, a *Danish Research Indicator Network*, FIN (2016), recomenda que os índices quantitativos sejam combinados com os qualitativos a fim de que uma análise justa e equilibrada possa ser fomentada. Acreditamos, assim, que, ao estabelecer os fatores de impacto como indicador preponderante e ponto de corte para a avaliação da produção científica brasileira, um comitê de área da Capes incorre em grave equívoco.

A experiência acumulada até aqui com os indexadores indica que são estratégicos na amplificação de um periódico. Além disso, suas orientações e critérios tendem a ser fundamentais para ajudar os editores a estabelecer uma política editorial mais profissionalizada e consistente. Não obstante, nem tudo o que os indexadores propõem é impassível de questionamento. Alguns dos mais prestigiados indexadores internacionalizados, por exemplo, tendem a desvalorizar periódicos não editados na íntegra em inglês. Ora, a prática é nociva à preservação da diversidade linguística e cultural do Planeta, aspecto considerado crucial para a definição conceitual da política editorial da *Interfaces*. Outrossim, como vimos, muito embora a *Interfaces* publique expressivo número de artigos em inglês, estes estão longe de estrelarem dentre os mais citados, segundo nos informa o próprio *Google Scholar*. Portanto, a dinâmica da *Interfaces* contradiz, em princípio, a tese amplamente aceita de que os artigos vertidos em inglês tendem a ser mais citados (DI BITETTI; FERRERAS, 2016), indicando que,

pelo menos para as Humanidades, evidenciam-se nichos que prestigiam, precisamente, a diferença e os saberes locais.

A *Interfaces*, ainda que reconheça a importância do inglês como língua de difusão científica e cultural, se identifica com a perspectiva que rejeita a apologia do mesmo como sinônimo de internacionalização da educação e da pesquisa, repelindo a crescente pretensão de parte da comunidade científica brasileira, lamentavelmente referendada por agências e instituições governamentais, como a Capes e o CNPq, de banir o português como possibilidade de expressão de conhecimento científico relevante (FORTES, 2016: 152-156; 175). Nesse sentido, ao publicar textos em quatro línguas – português, francês e espanhol e inglês –, a *Interfaces* se afirma como um território de resistência cultural e de recusa da introjeção da lógica da dominação e da subalternidade. Não fossem nossas convicções teóricas e o orgulho por nossas culturas e nações, a própria experiência multicultural do Canadá nos inspiraria a abraçar tal viés (IMBERT, 2011). O resultado dessa política tem sido alvissareiro, pois, por exemplo, não são poucos os casos de canadianistas, anglófonos ou francófonos, que, interessados em estreitar laços de colaboração com pesquisadores brasileiros, procuram ler e compreender textos publicados em português, saindo de sua zona de conforto linguística.

Outro aspecto delicado diz respeito ao escopo. Captamos certa má vontade de avaliadores de indexadores para com periódicos temáticos, o que vai de encontro à área dos estudos regionais, como no caso dos Estudos Canadenses. Portanto, o que devem fazer os periódicos voltados para os estudos interdisciplinares de regiões do globo terrestre? Acabrunhar-se? Não seria essa mais uma forma de se afirmar a homogeneização do pensamento científico no Planeta?

Um avaliador, por exemplo, questionou o fato de a *Interfaces* não estar relacionada em listas europeias de periódicos latino-americanistas ou em listas de associações de estudos meio-atlânticos. A *Interfaces* não é primordialmente uma revista de estudos latino-americanos ou de estudos meio-atlânticos. Faltou ao avaliador considerar o contexto dos periódicos dedicados aos Estudos Canadenses no mundo. Nesse diapasão, a *Interfaces* é reconhecida pelo ICCS – *International Council for Canadian Studies* – e é conhecida por diversas associações de Estudos Canadenses em todo o mundo. Até 2012,

quando as subvenções do governo canadense às associações nacionais foram suspensas, editavam-se diversas revistas, algumas das quais precisaram encerrar suas atividades, por falta de verbas. Isso aconteceu em diversos países, não apenas no Continente Americano, mas também na Europa. A situação tornou-se tão aflitiva que o próprio ICCS tem enfrentado dificuldade em manter a regularidade da revista cuja edição lhe cabe. Atualmente, na América Latina, a *Interfaces* não apenas é a mais importante revista de Estudos Canadenses como é a única editada na região. E, considerando o conjunto dos periódicos devotados aos Estudos Canadenses, não seria exagero reconhecer a *Interfaces* já como uma das mais importantes de sua área no globo.

Um dos maiores desafios da *Interfaces* é atrair autores e leitores de outros países. Embora isso já esteja acontecendo, a tarefa é mais difícil do que pode parecer à primeira vista. Os Estudos Canadenses, em parte em função das subvenções distribuídas no passado pelo governo canadense, se estruturaram com base em associações nacionais, que fomentam a bilateralidade com o Canadá, e não a multilateralidade (que tenha o Canadá ou os princípios fundantes dos Estudos Canadenses – interdisciplinaridade, interculturalidade e internacionalização da educação – como eixos axiais). Portanto, o incremento da cooperação transnacional nos Estudos Canadenses será desdobramento de uma nova cultura que precisa ainda ser desenvolvida. O próprio ICCS não está acostumado a operar em rede transnacional e se relacionava bilateralmente com as associações nacionais. A entidade investe na tentativa de construção de um novo modelo de gestão e de financiamento dos Estudos Canadenses (HODGETT, 2015).

A conquista dos indexadores é fundamental para ampliar a ressonância global da revista, atraindo autores de outras nacionalidades. Mas, assim como acontece com os fatores de impacto, longe estaria de poder funcionar como critério absoluto. O próprio desempenho da *Interfaces* até aqui o comprova. Autores canadenses e franceses tendem a prestigiar menos a importância dos indexadores do que estadunidenses e asiáticos. Por outro lado, europeus e canadenses das Humanidades têm, em geral, pouca paciência com regulamentos extensos e processos de submissão mais burocratizados, com questionários sobre “conflitos de interesse” e questões de ética. No caso da *Interfaces*, foram as demandas dos próprios indexadores que fizeram crescer o regulamento e a burocracia. Os mesmos indexadores,

contudo, em alguns casos valorizam com pontuações elevadas a simplicidade dos processos de submissão de artigos em revistas europeias e norte-americanas.

Muitos autores, ainda, se queixam – não sem razão – da interface pouco amigável da plataforma SEER, desenvolvida a partir do *software* OJS e amplamente sugerida pela Capes aos editores brasileiros. De fato, o problema começa com a janela de diálogo para a escolha da língua, escondida e acanhada na lateral direita da página. Muitos estrangeiros que visitam a *Interfaces* pensam que as normas estão disponíveis apenas em português, quando o estão também em inglês, francês e espanhol, porque não conseguem identificar a janela de comando que permite optar pelo idioma. Em seguida, há tantos comandos para “salvar”, que com frequência autores se atrapalham e deixam de completar a submissão. É necessário, portanto, um acompanhamento permanente e personalizado dos editores junto a todos os processos de submissão, o que consome tempo apreciável. Mais uma vez, portanto, a Capes emite sinais trocados, pois ao mesmo tempo em que deblatera pretender impulsionar editores brasileiros a internacionalizar os periódicos editados no Brasil, recomenda uma plataforma que, apesar de gratuita e de seus muitos méritos, granjeia resistências junto aos estrangeiros.

De qualquer forma, tendo em vista tal horizonte, a *Interfaces* se encontraria bem aparelhada para ampliar seu espectro de leitores e colaboradores. Afinal, ela não apenas tem sobrevivido, como tem se aprimorado e se profissionalizado, apesar da crise. Portanto, onde alguns avaliadores de indexadores estariam identificando inadequação ou limitação, nós percebemos potencial de crescimento.

Em que pese a maior parte das recomendações estabelecidas pelos indexadores tenha sido de grande utilidade no processo de reformulação da revista, há algumas que fazem pouco sentido à realidade da *Interfaces* e outras que, inclusive, merecem contestação, conforme alguns exemplos indicados acima. Assim, a editoria da *Interfaces*, ao mesmo tempo em que aplaude a decisão de comitês de avaliação de área do *Qualis Capes* em valorizar as chancelas dos indexadores no processo de qualificação dos periódicos, lamenta, com base na sua própria experiência, que esteja se generalizando perspectiva que estabelece tais chancelas, assim como os índices medidores de impacto, como ferramentas de corte para o acesso aos estratos mais elevados. Com a adoção de um

ponto de corte nessas bases, supervalorizam-se as métricas quantitativistas em detrimento das especificidades de cada veículo. Os indexadores prestam um relevante serviço ao processo editorial acadêmico. Não obstante, delegar aos mesmos a responsabilidade quase exclusiva pela avaliação das revistas significa terceirizar uma importante atribuição, de forma a se abrir mão de parte da soberania científica do país.

Ademais, se a Capes e o CNPq delegam cada vez mais aos indexadores boa parte da responsabilidade pela avaliação dos periódicos e assumem suas chancelas como fatores de corte, por medida de coerência ambas as agências deveriam oferecer aos editores linhas de financiamento que ajudassem as revistas a se organizar a fim de atender melhor às exigências do assoberbante processo de profissionalização editorial. Não o fazer significa de fato condenar os professores e colaboradores das revistas a um quadro de superexploração e de estresse, além de promover o solapamento do patrimônio intelectual e científico brasileiro, pois no atual contexto, mesmo revistas com expressivo índice de internacionalização e conteúdo altamente qualificado, correm o risco de serem desvalorizadas.

O rigor quantitativista, a panaceia da confusão do inglês como sinônimo reducionista de internacionalização, a rigidez da classificação piramidal e o tratamento apequenante dado à área Interdisciplinar (que precisa operar a reboque de alguma área madrinha), quando somados à falta de apoio técnico e de financiamento para as revistas, faz das perspectivas em prol da internacionalização da produção científica brasileira expressa em periódicos editados no país, em boa medida, uma miragem. De fato, as agências no Brasil, de modo geral, parecem não possuir planejamento estratégico, de médio e longo prazos, na cooperação internacional em Humanidades, que ajude a estabelecer parcerias capazes de transcender os resultados individuais para carreiras acadêmicas (AXT, MARTINS, SINGO, 2016: 145).

Para Charmain Levy, Gaëtan Tremblay e Pierre Girard (2010) a academia em geral dedica pouco crédito à extensão, justamente o campo que atua na relação da universidade com a comunidade, mesmo para casos marcados pela solidez da continuidade. Ora, *Interfaces* é também um projeto de extensão, na medida em que partilha com a comunidade de modo gratuito o conhecimento gerado no interior do ambiente acadêmico, ao mesmo

tempo em que muitas das contribuições que alcançam as suas páginas acolhem e discutem saberes e fazeres das comunidades.

A revista *Interfaces* enfrenta, desde 2012, o seu momento mais crítico. Sua continuidade foi ameaçada por inúmeros fatores, que têm origem na crise de financiamento e chegam à atual sistemática de avaliação da produção científica brasileira. Com as convicções e a força da energia colaborativa da nossa associação – a ABECAN – persistiremos enquanto for possível, agradecendo sempre a todos aqueles que nos apoiam e depositam em nosso trabalho o seu voto de confiança e credibilidade. Compreendemos que o momento atual é de crise para todos os profissionais das Humanidades que abraçam genuinamente o compromisso com a produção acadêmica de excelência, colaborativa, intercultural, capaz de dialogar sem subalternidade e sem prepotência, tanto com as comunidades, quanto com o universal.

Conteúdo da edição

A edição que se apresenta aos leitores foi dedicada ao dossiê *À procura de novos paradigmas: estudos indígenas no Canadá e nas Américas*. O dossiê, comentado a seguir pelas professoras Rubelise da Cunha e Eloína Prati dos Santos dialoga com o escopo da revista, que enfatiza o compromisso com a interdisciplinaridade, a interculturalidade e os Direitos Humanos. O conjunto de artigos reunidos em seu âmbito parte do reconhecimento que críticos literários canadenses admitem que atualmente é difícil escrever sobre o Canadá sem a presença da literatura indígena. O número especial reúne artigos que abordam as literaturas indígenas no Canadá e nas Américas, buscando novos paradigmas para os estudos literários e culturais nos quais artistas, críticos e conhecimentos indígenas tornam-se integrados como participantes ativos e transformadores.

Na seção *Estudos Literários e Culturais*, com o artigo intitulado *Recomposition des Imaginaires dans les Littératures et les diasporas Caribéennes*, Michel Peterson discute metodologias e aspectos da epistemologia literária que permitem estudar com rigor o elo entre as literaturas e as diásporas caribenhas de maneira a perceber a emergência dos imaginários e de construções simbólicas.

Na seção *Paisagens, Patrimônios, Legitimidades e Educação nas Américas*, Lia Vainer Schucman e Felipe Luis Fachim propõem-se a compreender como os processos de identificações no interior das dinâmicas familiares engendram formas de classificações raciais. O artigo analisa uma entrevista feita com uma família inter-racial, em que, durante o processo, a autoclassificação da filha “mestiça” modificou-se três vezes, pois, dependendo dos processos relacionais, a entrevistada se anunciava como branca, como negra ou como morena. O texto dialoga com os autores e as questões propostas no último dossiê da revista.

Agradecemos à acadêmica da UDESC Paula Martins, que editorou o presente fascículo; a Eloína Prati dos Santos pela revisão e padronização em português e inglês e a Elizabeth Castillo Fornés, pelo auxílio na revisão final dos arquivos em PDF. Muito especialmente, também agradecemos aos membros do Conselho Editorial e da Comissão de Ética que puderam colaborar com a revista emitindo seus criteriosos pareceres. Da mesma forma, agradecemos aos pareceristas ad hoc, que aceitaram o desafio de colaborar com a revista *Interfaces*.

Desejamos a todos uma agradável e proveitosa leitura!

Gunter Axt, editor-chefe

Eloína Prati dos Santos, editora assistente

Fábio Vergara Cerqueira, editor assistente

Monique Vandresen, editora especial de editoração e de impressão

Referências

ANDACHT, Fernando. Signos cercanos y distantes en el documental canadiense Le peuple invisible. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 14, n. 1, p. 43-64, 2014.

AXT, Margarete, MARTINS, Marcio A. R.; SINGO, Felisberto Félix. Por um modo de pesquisar-formar na Educação em projetos de cooperação internacional. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 16, n. 1, p. 124-150, 2016.

BARATA, Rita. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. *RBPG*, Brasília, v. 13, n. 1, janeiro/abril, 2016.

- BERND, Zila. O papel da Memória Social no contexto multiétnico e multicultural do Quebec, na ótica de Jocelyn Létourneau. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 14, n. 1, 2014, p. 65-75.
- BRAZ, Albert. Wrestling with the Mainstream: Edward Lacey's translation of Bom-Crioulo. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 13, n. 2, 2013, p. 117-137.
- BRYDON, Diana. Canada and Brazil. Shifting Contexts for Knowledge Production. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 13, n. 1, p. 201-221, 2013.
- CARPENTIER, André. Pratique géopoétique du territoire: habiter un quartier. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 15, n. 2, p. 22-41, 2015.
- DANISH Research Indicator Network (FIN). Can we implement the Leiden Manifesto principles in our daily work with research indicators? *Leiden Manifesto for Research Metrics*. March 7th, 2016. http://www.leidenmanifesto.org/uploads/4/1/6/0/41603901/fin_meeting_on_leiden_manifesto_-_report_march_7_2016.pdf.
- DARNTON, Robert. O lume de Jefferson. *Informática na Educação: teoria e prática*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 37-47, jan./ jun. 2013.
- DI BITETTI, M. S.; FERRERAS, J. A. Publish (in English) or perish: The effect on citation rate of using languages other than English in scientific publications. *Ambio*. 2016. p. 1-7.
- FORTES, Rafael. Política científica no Brasil: dilemas em torno da internacionalização e do inglês. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 16, n. 1, p. 151-190, 2016.
- GIACOMO, Waldemar Álvaro Di. O *New Public Management* no Canadá e a gestão pública contemporânea. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 5, n. 1 e 2, p. 155-170, 2005.
- HODGETT, Susan. Moving forward... Introducing the International Council for Canadian Studies. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 15, n. 2, p. 290-292, 2015.
- IMBERT, Patrick. Transculturalité et transdisciplinarité: le Canada et les Amériques, *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 11, n. 1, 2011. p. 9-27.
- IMBERT, Patrick. L'Interculturalism. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 14, n. 1, p. 27-41, 2014.
- KYMLICKA, Will. Multiculturalismo: o sucesso, o fracasso e o futuro. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 14, n. 1, p. 123-174, 2014.
- LENOIR, Yves. L'interdisciplinarité dans la recherche scientifique : Orientations épistémologiques et conditions. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 13, n. 1, p. 223-259, 2013.

LEVY, Charmain; TREMBLAY, Gaëtan; GIRARD, Pierre. Entre l'université et les collectivités locales: comment s'effectue le partage des connaissances? *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 10, n. 1 e 2, p. 43-76, 2010.

NASSI-CALÒ, Lilian. É possível normalizar métricas de citação? *SciELO em Perspectiva*. 14 de outubro de 2016. <http://blog.scielo.org/blog/2016/10/14/e-possivel-normalizar-metricas-de-citacao/#.WFvPpIWcHIU>.

PAGLIA, Camille. The North American Intellectual Tradition. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 12, n. 1, p. 201-214, 2012.

ROSA, Assunção Rodrigo. Esqueça o Qualis Capes – Critérios alternativos de avaliação das revistas científicas. *SCI&ORG – Ciência e Organizações*, 20 de dezembro de 2016. <https://sciandorg.wordpress.com/2016/12/20/esqueca-o-qualis-capes-criterios-alternativos-de-avaliacao-das-revistas-cientificas/>.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Apresentação: Raça, Política e Políticas Públicas em uma perspectiva “decolonial”. *Interfaces Brasil/Canadá*, v. 16, n. 2, 2016. p. 9-26.